

Quando a mãe era pequena

Texto
Joana Cabral

Ilustrações
Margarida Teixeira



Máquina de Voar®

Às vezes, a mãe senta-me no colo
e conta-me histórias engraçadas
de quando ela era pequena.



Por exemplo,
quando a mãe era pequena,
não havia telemóveis.

Havia um telefone fixo na
entrada da casa que servia para
toda a família. Ou seja, quando
as pessoas saíam para a rua, o
telefone ficava em casa.

O telefone era da família toda
e quando tocava não se sabia
para quem era.



Alguém atendia e depois gritava:

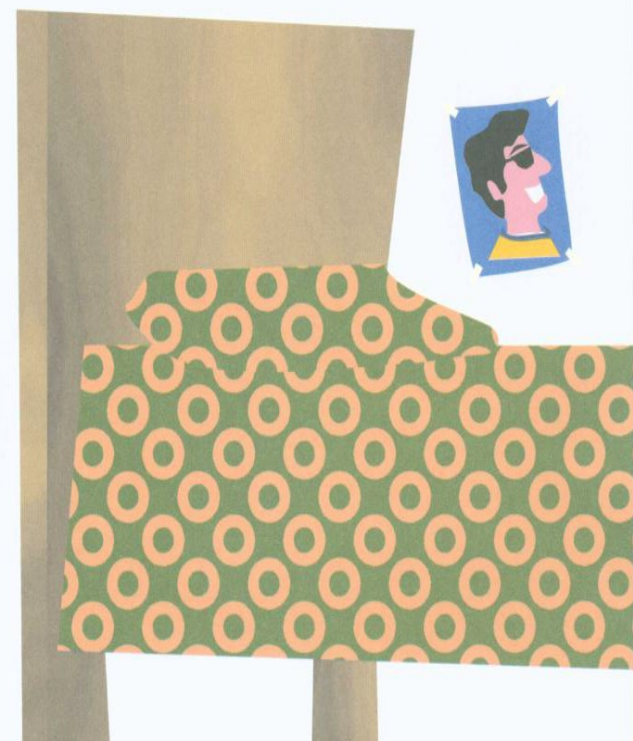
Pai, é para ti!





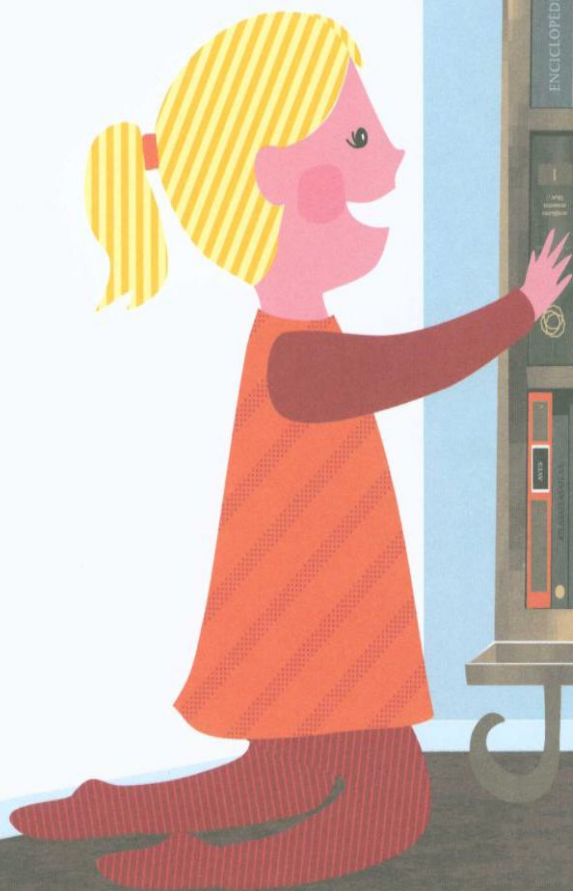
Também não havia computadores em casa. Quando a mãe andava na escola fazia os trabalhos numa máquina de escrever. Se se enganasse, tinha que voltar ao início e escrever tudo de novo.

teca teca teca
tchLiiim!



E, sem computadores, claro que também não havia internet.

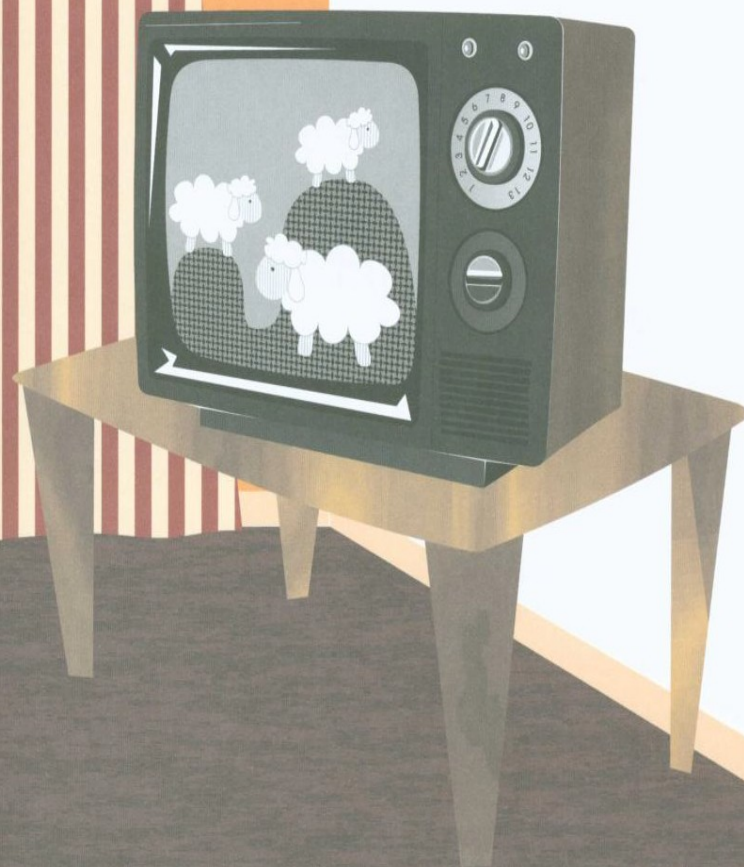
Quando se queria saber onde ficava a Arménia ou quem tinha sido a Padeira de Aljubarrota procurava-se nas enciclopédias, que são grandes coleções de livros, onde está tudo escrito.





A mãe diz que a televisão era a preto e branco. Ou melhor a preto, branco e muitos tipos de cinzento.

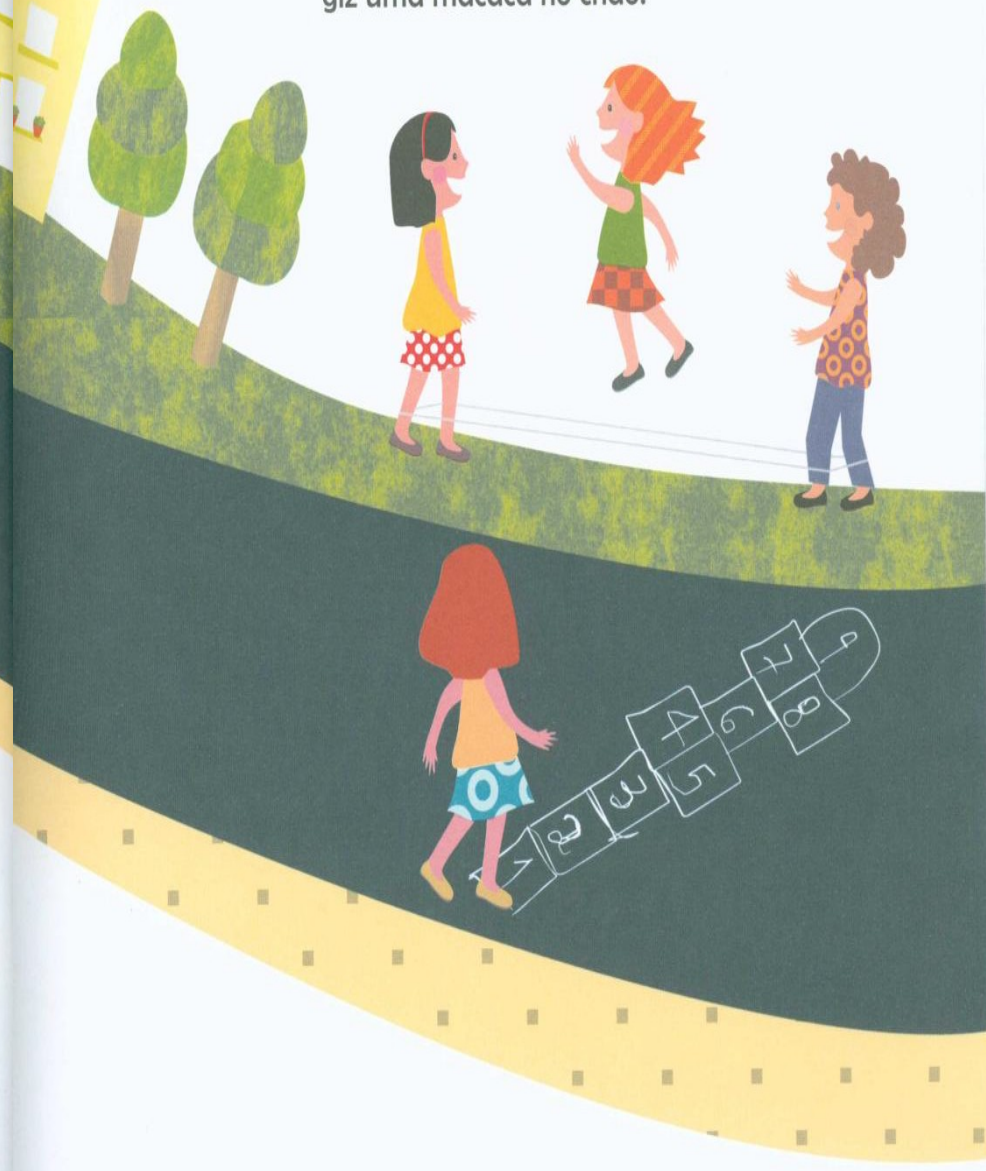
Havia só dois canais e os desenhos animados só passavam ao sábado e ao domingo de manhã.





Nos outros dias, mesmo na cidade,
as crianças brincavam na rua depois da escola.

As brincadeiras preferidas da mãe eram andar
de bicicleta, saltar ao elástico ou desenhar com
giz uma macaca no chão.





Claro que havia supermercados, mas eram mais pequenos. A avó fazia compras na mercearia do senhor Daniel, que sabia o nome dela e lhe vendia sempre as melhores frutas e legumes.

Como a mercearia tinha pouco espaço, o senhor Daniel pendurava presunto, bacalhau e cebolas no teto.





A caixa do correio estava sempre cheia de cartas. E, quando a família ia de férias, mandava postais coloridos, da praia e das montanhas, aos avós e aos amigos.

Os postais eram curtos. "Estamos cheios de saudades. Voltamos em breve!" e depois já não havia espaço para escrever mais.



E, por falar em viagens, não havia autoestradas. As estradas tinham muitas curvas e passavam pelo meio de terras, onde se podia parar para almoçar em restaurantes na beira do caminho.

Por isso, as viagens eram mais longas e a mãe, que era pequenina, enjoava sempre. Parece que agora o país encolheu e chega-se mais depressa a todo o lado.





La-la-la...

A música ouvia-se em discos de vinil, que eram pretos e grandes, e que rodavam num gira-discos que tinha uma agulha.

Às vezes, os discos riscavam-se nessa agulha e ficavam a repetir a mesma parte da música eternamente sem sair do mesmo sítio.



As máquinas fotográficas não eram digitais. Comprava-se um rolo de fotografias, tiravam-se as fotos sem se ver e depois tinham de se revelar, para saber como tinham ficado.

Por isso, havia sempre fotografias desfocadas e gente com olhos vermelhos e caras esquisitas.



E os carros não tinham GPS, e não havia e-mail, nem microondas e... tantas outras coisas.

Mas a mãe diz também que muitas coisas nunca mudam e são sempre iguais. Por exemplo, ela também se lembra de ser criança e estar sentada no colo da avó a ouvir histórias de quando a avó era pequenina... Mas isso, dava outro livro.





Quando a mãe
era pequena

Fim

Cristina Moreira